

PLASTICA

INTERMEZZO DA TRAGEDIA DE JACOBUS

« *O'voi ch'avete l'intelletti sani*
 « *Mirate la dottrina che s'asconde*
 « *Sotto'l velame degli versi strani. »*

Dante — COMMEDIA, *Inferno*.

VISÃO ARTISTICA

RENASCENÇA

PROLOGO

A DANSA MACABRA

DEPOIS DO SECULO XIV

« *Affretta, affretta*
 « *A colmarlo d'amore. Ahimé! non vede*
Comme veloce corrono le fuse
De le parche, ó fanciulla? »

Aleardo Aleardi—Rafaello e la Fornarina.

SCENA I

Na Basileia. Sacristia de uma igreja. Sarcophagos. Nas paredes a Dansa Macabra de Alberto Dürer e Volgemuth.

O DR. JACOBUS (só):—Eu já devera estar cansado de viver; e, todavia, à hora extrema que se aproxima, invade-me intimo pezar... E terror talvez... Não sei! A escuridão da cova... a noite eterna... Eterna! Que palavra tola! Que sei eu da eternidade? (*Pausa.*) Sei que não sei. (*Levanta-se e inclina-se sobre um sarcophago.*) O que me poderás dizer, tu que apo-

dreces ahí dentro? Fascinou-te o olhar a intensa e viva clari-
dade de além tumulo, do dia que não acaba nunca... ou no
silencio infinito dos espaços rolas em profunda escuridade?
(*Levanta a tampa do sarcophago*) Puah! Perfumas-te de um
modo exquisito para o concerto das espheras. (*Fecha o sarco-
phago*) Está mudo. A lingua inchada enche-lhe a boca escura;
o cerebro mirrado evapora-se-lhe...—Lhe! Porque? Elle quem
quer que foi não existe mais: a morte tomou-o, e atirou-o ao nada,
aniquilou-o. Vejamos-lhe o nome. (*Lendo*) «O conde Got-
tfried...» Para que? Chama-se cousa alguma: o conde Gottfried
Cousa Alguma. E' um senhor. Ah! ah! ah! é um senhor que apo-
drece. (*Pausa*) Como eu, daqui a pouco. (*Pausa*) Sim, daqui
a pouco esta cabeça que pensou no segredo intimo da vida
estará morta, este cerebro que trabalhou na indagação da
essencia do Grande Todo entrará para o Nada! Vida! Morte!
Tudo! Nada! —Palavras! palavras! palavras! (*Nova pausa*)
Trabalhei, agitei-me, lutei... e não adiantei mais que o sabio
hebreu: tudo é vaidade, tudo é vaidade — mesmo amar e
servir a Deus!

CÔRO DOS SANTOS NOS NICHOS:—A sua voz na hora extrema
levantou-se para negar Deus! A noite da ignorancia e do erro
invadiu-lhe o espirito, e a sua voz na hora extrema levantou-se
para negar Deus! Os céus em silencio estremecem.

JACOBUS:—Das bocas de marmore rompe um clamor que eu
não entendo e que me enche de terror profundo.

O CÔRO DOS SANTOS:—Tu és a rez transviada. A nossa voz
clama por ti na floresta escura. Ouve, ó peccador, a voz de
Deus que te chama: Jacobus! Jacobus!

JACOBUS:—O meu nome sãe dos nichos de pedra e sóbe
às abobadas... Nas vidraças das galerias largas correm estre-
mecimentos e avultam sombras... Quem me chama? Quem me
chama?

S. MIGUEL:—Elle ouve-nos. Eu lutarei por ti contra o ar-
chanjo das trevas, ó Jacobus!

O CÔRO DOS SANTOS (*a face voltada para o altar-mór*):
Elle ouve-nos, ó Mãe, ó Mãe dos peccadores! A' hora extrema
a sua alma volta-se para teu Filho! Acolhe-o, ó dolorosa Mãe!

JACOBUS :— Quem me chama? Quem me chama?

(*A morte desce do painel ao corpo da igreja. Faz-se profundo silencio. Subito anoitece.*.)

A MORTE (*aproximando-se do doutor*):— Jacobus!

JACOBUS :— Onde vens? Quem és? Pintura de Dürer, gravura de Volgemuth, desces da tua parede, abandonando assim o teu lugar na dança dos mortos? Deixa-me. O que queres?

A MORTE :— Eu venho buscar-te.

JACOBUS :— Caricatura ambulante, triste e feio mappa de osteologia! vae-te! a tua foice tem muito a quem ceifar. O teu riso desdentado não me diverte. Não quero dansar.

A MORTE :— Na grande Dança Macabra tomarás parte hoje. Esperam-te na Floresta Negra. Reis, Imperadores e Papas não te valem, Jacobus. Ha uma donzella meiga e triste, a quem a pallidez da morte dá a mais suave belleza, que te espera, doutor, para seu par.

JACOBUS :— Procura um mestre-sala. Não sei dansar. Vae-te. Tu me aborreces.

A MORTE :— Jacobus, ella é formosa. O seio virgem tem a pallidez fria do mármore, e o lyrio alpino não tem a suavidade da sua face. Ella sentirá medo na escuridão funebre da clareira. Quando a fui buscar, cantava na balseira o rouxinol e as rosas abriam-se em suspiros cheios de langor. Ella chorou. Disse-lhe eu então:—« A venda que ponho na tua fronte chama-se immortalidade: não serás a ultima a usar della, porque tudo quanto nasce deve dansar commigo em volta deste trophéo. » (1) E ella retorquiui-me:—Ainda não amei...— « Conheço, disse-lhe eu, uma alma ardente e virgem que te amará na morte. »

JACOBUS :—O amor na morte! Tu zombas, minha velha.

A MORTE (*continuando*):—Ella disse-me então—Vae buscá-lo.—Vendei-a, coroei-a, e vim. Vamos, Jacobus.

JACOBUS :—O amor, o principio de vida, o grande principio de fecundidade, o amor na morte! Dize-me, velha caricatura: os filhos desse amor serão esqueletos?

(1) Minnesinger do seculo XIV.

A MORTE:— Vamos, Jacobus.

JACOBUS:— Não: agora tu, livido instrumento do poder que aniquila, lugubre filha da treva e do nada, abriste-me a alma às expansões do amor. Eu ia morrer, e o cyclo da minha vida não estava completo. Faltava-lhe tudo, faltando-lhe o amor. E é por isso que tenho sido triste e sombrio, e nem um raio luminoso brilhou em meio á densa treva do meu espirito. Não! Não! Não! Eu quero amar, quero conhecer a vida.

A MORTE:— Tu a conhecerás na morte.

JACOBUS:— Zomba, miseravel, zomba! Amores de mortos, abraços de esqueletos, beijos de podridão! Em vez do luminoso riso da ventura, que se abre como uma aurora, a risada lugubre da caveira! Em vez da fronte coroada de pampanos e rosas, a testa nua cingida de goivos e perpetuas!

A MORTE:— Ignorante, tolo, doudo! O dente atroz do ciúme, o terror, o medo que se nos roube a ventura, as traições, a inconstancia, é isso que tu queres?

JACOBUS (*pensativo*):— Isso, isso é a vida!

A MORTE:— E a quem quererias tu amar? A Hellena que te trocaria pelo primeiro Páris? a tua mãe, como Édipo a Jocaste? a Cleopatra como Marco Antonio? a Circe, a Omphalia, a Dalila, que lançassem em tua alma o veneno de uma dôr inextinguível?

JACOBUS:— Quem sabe! Eu queteria amar á mulher.

A MORTE:— Não sei como tambem não quererias amar a Socrates como Alcibiades, ou a Cesar como o rei da Bythinia, ou a Antinoo como Adriano.

JACOBUS:— Quizera amar a mulher, a graça, a belleza suprema! Que me importára o ciúme, o desanimo, o desespero, a colera, a dôr, emfim?

A MORTE:— A dôr! tu já deveras saber o que isso é, tu que somente a lagrima e o soffrimento tiveste em partilha.

JACOBUS (*sem ouvir, absorto*):— E amo já! (*Uma lagrima rola-lhe pela face*).

A MORTE:— Tenho pena de ti, o' doido! Estás apaixonado por uma visão do teu espirito, por uma triste concepção do teu cerebro doente. A mulher que sonhas não existe.

A mulher! si soubesses o que ella é!...Pomo do peccado, fonte do mal...

JACOBUS (*interrompendo-a*):— Cala-te. Si ella não existisse, eu a crearia. Pygmalião fez brotar no marmore de Paros a scintillação da vida: porque eu não faria brotar na mulher a luz formosa e brilhante do amor?

A MORTE:— Eu teria curiosidade de ver isso. Tu has de soffrer, Jacobus. A dor tambem é do meu dominio. E tu me tentas! Soffrerás mais ainda e não escaparás á morte. Tu o sabes, porque tudo quanto nasce deve dansar commigo em torno do trophêo. (*Pausa*) Concedo-te: ama, idealisa, phantasia e, si podes, cria o amor. No dia da tua ventura suprema...

JACOBUS (*aterrado*):— O que?!

A MORTE:— Eu irei buscar o objecto do teu amor.

JACOBUS:— Não! A mim.

A MORTE:— Não; a Ella.

JACOBUS:— Seja.

A MORTE:— Ainda uma condição. Assistirás, em vida, á Dansa Macabra, na Floresta Negra.

JACOBUS:— Tenho pressa. Partamos!

CÔRO AEREO (*fôra da Igreja*):

Affretta, affretta etc.

SCENA II

NA FLORESTA NEGRA.

(*Chegam a Morte com um ramo na mão, e o doutor Jacobus.*)

JACOBUS:— Que vertiginosa carreira em meio á escuridão! Emquanto devoravamos o espaço, das sombras da floresta saíam desusados sons... O arvoredado agitava-se, e como um estalar de ossos sentia-se á distancia... O que era isso?

A MORTE:— Vaes ver. (*Com uns gestos estranhos*) O quarto mingoante eleva-se no ceu... Já um raio de luar penetrou na clareira, e desenhou no chão do bosque a sombra gigantesca e phantastica dos carvalhos... Os ventos gemem nas

franças do arvoredos soluços lamentosos como almas que agonizam... Os pyrilampos semelham lampadodromias estranhas.... A neve cãe. E' a hora funebre da meia noite, é a hora da Dansa Macabra.

UMA NUVEM DE CORVOS (*adejando exquisitamente*):—A nossa aza fria já roçou a face dos que dormiam o pesado somno. E elles erguem-se e vêm... Os esqueletos arrastam-se, os pés despídos de carnes pisam a vereda que conduz á clareira da Morte...

A MORTE:—Adejae, adejae, e projectae no chão da clareira a sombra do vosso pescoço pellado e do vosso bico adunco.

OS PYRILAMPOS (*volitando*):—Nós os guiamos, os mortos. Elles vêm, elles caminham pela vereda que conduz á clareira da Morte... Os olhos inchados dos que apodrecem veem na escuridão da noite, e os trespassados seguem-nos á clareira da Morte.

A MORTE:—Luzi, luzi, pyrilampos. Guiae os que vem á clareira da Morte a bailar a Dansa Macabra.

CÔRO DE SAPOS E RÃS:—Nós afinamos já os instrumentos. A orchestra está prompta. Dae o signal, e a Valsa dos Mortos será executada. Temos harmonias estranhas e melodias nunca ouvidas, que fazem pular dentro dos peitos os corações pôdres e que fazem dansar os mortos. Temos *allegros* que levantam esqueletos em saltos convulsivos e *tutti fortissimi* que fazem estremecer a Floresta Negra. Dae o signal, dae o signal.

A MORTE:—Esperae, esperae. O meu pifaro desafinado vae dar o tom. A minha foice é a batuta. Esperae, esperae. Preparaes violas, violinos, violoncellos e contra-bassos, flautas e tambores.

AS HYENAS E OS CHACAES:—Nós tocamos os instrumentos de metal. Estamos promptos. Dae o signal.

A MORTE:—(*Empunhando a batuta e tocando desafinadamente o pifaro*) Um, dois, tres, quatro. *Tutti fortissimo*. (*A orchestra toca. Entram enlaçados, em grupos, saltando doidamente os esqueletos.*) *Stacato! Con anima! Rinforzando!* (*Suspende a foice*) Silencio! (*Os instrumentos cessam de tocar*) Cessou a ouvertura. (*Aos esqueletos, em tom de pedagogo*) « Eu sou a Morte, inevitavel neste mundo, em-

quanto houver presente e futuro, seja para quem fôr. Apareço e digo: Homem, para que te inquietas tanto com uma vida tão curta, que dura apenas um momento? Não ha gigante, por mais forte e poderoso que seja, que possa livrar-se do meu arco. E' forçoso que morra quem é ferido com o seu dardo.» (1)

CÔRO DOS ESQUELETOS:— O teu poder é grande, ó Morte! Nem a riqueza, nem a virtude, nem a gloria, nem a belleza, nem a mocidade valem contra ti.

A MORTE:— Bem! Vae começar o baile. (Ao papa Nicolau V) Santo Padre, é a ti que compete abrir a dança. (2) Dou-te a primazia sobre os imperadores. Representante de Christo na terra, tu irás na dianteira, a tiara em punho. Quem ha de ser teu *vis-à-vis*? Queres Bajazet ou Mahomet II?

Não. Respeitemos o teu horror aos sectarios do propheta. Holá! Ahi está o teu *vis-à-vis*. Felix, servirás de *vis-à-vis* a Nicolau.

NICOLAU:— O anti-papa! Não, não, não! Antes Bajazet, antes Mahomet II, antes o proprio propheta! O duque de Saboia, Amadeu VIII dansar com o successor de S. Pedro!

A MORTE:— Pois dansarás de *vis-à-vis* com um turco. Procura ahi alguma freira ou alguma sultana para tua dama. (A um cardeal) Dansareis com um eunucho, senhor cardeal. Tanto prégastes a castidade e tanto commettestes o peccado da incontinencia que eu receiaria dar-vos por dama o esqueleto de alguma rainha mãe. Os vossos beijos libidinosos ainda estão mais grossos hoje do que quando usaveis do barrete vermelho.

O CARDEAL:— Esses infieis dansam tão mal! Eu prefiro dansar com alguma de minhas filhas...

A MORTE:— Sacrilego! Incestuoso! Não saber eu a tua linguagem para t'a cuspir na cara! Vou-te arranjar uma dama digna de ti! Holá! Sir John Falstaff! (Faz-se grande silencio) Sir John Falstaff! (Novo silencio.) (A morte irrita-se) Elle não veio á Dansa Macabra?

(1) Dansa geral, em que entra gente de todas as classes. 1356. Antiga passagem dramatica hespanhola.

(2) Paraphrase das inscrições que estão sob as pinturas de Basiléa.

CÔRO DE CORVOS (*adejando*):—Não, não veio.

A MORTE (*furiosa*):—Não pôde chegar aqui, provavelmente. Não lh'o permittiu a pansa.

Côro:—Elle ainda está a dormir. Morreo tão bebado, que ainda está a coser a vinhaça que ingeriu á hora extrema. O agudo grasnar dos corvos não o acordou; o focinho dos cha-caes enterrou-se-lhe no ventre pôdre e elle não se mecheu.

A MORTE (*ao Cardeal*):—Dansareis commigo, illustre prelado. Quero ver si eu tambem provocarei os vossos desejos.

O CARDEAL:—Puah!

A MORTE (*á Imperatriz*):—Bem sei, senhora, que o vosso desejo não é dansar com o Imperador Othão; bem sei que o pagem Arnaldo, louro e pallido, de physionomia serena e triste, é o par que desejaes. Mas desculpae: a morte nivela as condições. Dansareis com aquelle honrado burguez que está alli na mesma posição em que em vida media varas de lã, sem furtar uma linha. Descançae que elle respeitará a magestade do throno. (*A imperatriz afasta-se tristemente.*)

A MORTE (*continua a chamar cardeaes, imperadores, condes, papas, burguezes e peões, e a distribuir os pares. Toma do ramo, aspira-o e chama*):—Barnabé Visconti! Esquecia-me. Estas flores saíram do craneo de madona Laura. Levae-as ao vosso amigo Petrarcha. Elle deve achar ahi a quinta essencia do lyrismo. Levae-as. (*Faz-se grande silencio.*)

O CADAVER DE UMA DONZELLA FALLECIDA NA VESPERA (*adiantando-se para a Morte*). — Esqueceu-vos o meu par? Desde que a aza do corvo roçou-me a face no fundo do tumulo, eu despertei pensando nelle. Mostrae-m'o. E' moço, é formoso? A sua alma é ardente como me dissestes? Quero vel-o. O meu pobre coração agita-se doidamente e o meu espirito phantasia-lhe a imagem que não conheço e a que todavia quero tanto!

A MORTE (*indicando Jacobus*):—Ahi o tendes. O vosso amor acabará ao primeiro albor da madrugada. Aproximae-vos. Eil-o.

JACOBUS (*recuando*):—Eu?!

A DONZELLA (*aproximando-se de Jacobus*):—Dae-me a vossa mão. Si soubesseis como a minha cova é feia e nua!

Dae-me a vossa mão. Quero collocal-a sobre o meu peito e fazer ahi nascer a vida que me fugiu. (*Jacobus estende vivamente a mão, que ella colloca nas suas; depois, recuando-a*).

JACOBUS:— Como tendes as mãos frias!... A neve que cãe não é mais gélida.

A DONZELLA:— Aquecel-as-ei nas vossas, nas tuas, meu amor. (*Toma-lhe de novo uma das mãos.*) Como o meu coração virgem pulsa desordenadamente. Como eu vos amo!

JACOBUS:— O amor na morte!

A DONZELLA:— Como arde já o meu seio. Vêde. (*Pausa*) Estaes triste. Repousae a fronte nos meus joelhos. Deixae-me embalar-vos a cabeça quente. Quando a alvorada raiar, adormecido ao collo da vossa bem amada, voltareis ao tumulto.

JACOBUS:— Não, não voltarei ao tumulto. Não ouvistes dizer que o nosso amor não duraria sinão até ao primeiro clarão da alvorada? Aproveitae estes momentos, porque tenho pena de vós, si me amaes...

A DONZELLA:— Si vos amo!

JACOBUS:— E como podeis amar? Como vosso coração morto pôde pulsar? Como o vosso seio frio se inflamma?

A DONZELLA:— Não sei. Sei que vos amo.

JACOBUS:— Tenho pena de vós.

A DONZELLA:— Pena? Pena porque? Amando-vos, sou tão feliz! (*O doutor fica pensativo.*) Porque sois triste, meu amor? Na vossa fronte rugada perpassou talvez muita idéa dolorosa. Deixae-me beijal-a, deixae-me passar por entre os vossos cabellos os meus dedos que estremecem de volupia.

JACOBUS (*levantando-se*):— Amor, prazer, volupia na morte! Que estranho e desordenado sonho!

A DONZELLA (*sorrindo*):— Sonho! E' o amor, é o prazer, é a volupia que nunca morrem. Sonho! E' o amor, é o prazer, é a volupia, que toda a noite, na clareira da floresta, aos raios frouxos do quarto mingoante e á sombra triste e augusta do arvoredor, renascem no peito dos que dormem. Sonho! E' o sempiterno e inalteravel amor!

JACOBUS:—Tenho pena de vós, donzella, tenho pena. Si pudesse dizer-vos quem sou...

A DONZELLA:—Sois o meu bem amado.

JACOBUS:—Sou um homem que procura o amor.

A DONZELLA (*tristemente*):—E que desejo de vossa alma ardente não encontrará eco em minha alma? Que sonho de ventura não vereis realizado commigo! E onde algures achareis o amor?

JACOBUS:—Na vida, na arte, na plastica.

A DONZELLA (*tristemente*):—E deixaes-me?

JACOBUS:—A morte o disse: o teu amor acabará ao primeiro luzir da alvorada.

A DONZELLA:—Conhecer o amor e perder o objecto amado; sonhar a ventura e acordar na morte; illudir-se, julgando cheio o vacuo profundo do coração e perder essa chimera! (*Pausa. Olha-o tristemente em silencio. Depois*):—Bem. Ide; atirae-vos ás paixões e ás tempestades da vida. Procuraes por toda a parte o amor, e si não o achardes...

JACOBUS (*encarando-a fixamente*):—E si não achar...

A DONZELLA:—Voltareis. Até lá eu dormirei na cova. Encontrar-me-eis aqui como hoje, virgem e amante. Esperarei o meu bem amado. (*Destrançando dos cabellos uma flôr*) Levae este amuleto. Quando o desespero vos invadir a alma... (*Suspende-se, commovida.*) Vae começar a Dança Macabra. Vinde. Pertenceis-me por esta noite, meu bem amado. (*Afastam-se enlaçados*).

A MORTE (*empunhando a foice como batuta*):—Psiu! Vae começar a orchestra.

(*A orchestra rompe*).

CÔRO DOS ESQUELETOS (*dansando truanescamente*):—Vae romper a alvorada. O fundo da cova é frio e escuro. Dansemos! dansemos! dansemos! (*Vão passando por diante da morte e tirando flores do ramo extravagante que ella traz preso a uma costella*). Estas flores brotaram no tumulto das bem amadas dos poetas e artistas. O seu perfume deve ser grato e bom. Aspiremos o perfume das flores que brotaram sobre tumulos.

OS CARVALHOS (*dansando phantasticamente*):—Vae romper a alvorada. Já se projecta no viso da montanha a luz tenue do amanhecer. Dansemos! dansemos! dansemos!

CÔRO DOS PYRILAMPOS:—Vae romper o dia. A Dansa Macabra vae findar. Já as nossas lampadas empallidecem. Dansemos! dansemos! dansemos!

A ORCHESTRA:—Já o canto da cotovia mistura-se aos accordes estranhos dos nossos instrumentos. Vae nascer o dia. (*Tutti fortissimo*) Dansemos! dansemos! dansemos!

A DONZELLA (*a Jacobus*):—Um raio de luz penetrou na floresta. Vae nascer o dia. Eu entro para a escuridão da cova e vós ides para a vida. Meu bem amado, adeus. (*Ouve-se o estalar de um beijo*). Deixaes o Amor e ides procurar o Amor. Meu bem amado, adeus.

CÔRO (*dansando phantasticamente*):—Elle vae procurar o amor na vida. Ah! ah! ah! Elle vae procurar o amor na vida.

JACOBUS (*à donzella*):— Adeus!

CÔRO.—Affretta! affretta! Elle vae procurar o amor na vida. Ah! ah! ah!

(*Rompe a alvorada*).

ANNIBAL FALCÃO

(Continúa.)

PLASTICA

INTERMEZZO DA TRAGEDIA DE JACOBUS (1)

Em nobre empreza, a mesma quêda é nobre.

LONGINO — *Do Sublime.*

VISÃO DO AMOR

EVOCÇÃO

*Na Attica, diante dos marmores do Pentelico. O mar Egeu.
Vem rompendo o dia.*

JACOBUS (*despertando*) :—Ao dourado clarão de Helios surgiu como do nada a formosa Attica. A côr tenue da alvorada faz destacar no horizonte o perfil do Hymetto. As nereidas surgem da vaga azul, e a branca cymopolia iria-se à luz primeira da manhã. O' formosa Aktê! Dourada estancia do Amor. Em ti sente-se a scintillação vibrante da vida! Tu és a Demeter fecunda. És a harmonia, a luz, a fórma. Ouve-se daqui, atravez do Egeu dourado, a cabeça murmurante de Orpheu, que as ondas do Meles arrastaram a Smyrna. (2)

(1) Vide a *Revista* de 15 de agosto.

(2) Tradição antiga.

A escuma—flôr das vagas (1)—brota na onda azul—e o agnuscatus rebenta em floração vigorosa e perfumada como em soluços de amor o seio da mulher. O Pentelico cerca-se de uma corôa de luz formosíssima e as aves marinhas calam-se, pousadas nas rochas azues do mar. Sobre a relva molle e florida a noite chorou lagrimas de orvalho. (*Pausa*) Como que ouço resoar no ambiente luminoso versos de Homero, côros de Sophocles e odes de Pindaro. Diante da vaga que se quebra na costa penetra-me intimamente como que uma poesia branda e suave, e a mente lembra-me os deliciosos idyllios de Theocrito. Passam no ar não sei que vagos sons de cythara ionica e de musa éolea. O' Pan! (*Pausa*) Um desejo febril de amor invade-me... Como deve ser bom amar aqui... aqui onde só o homem amou e foi feliz. O' Hellada, penetra-me do amor fecundante, anima em meu espirito a visão adorada da mulher e enche-me o coração de desejos vivos como o fogo! (*Ergue se*) Mas qual será a mulher que ha de encher-me dessa paixão profunda o espirito, qual será a mulher que ha de apagar-me no seio esse desejo febril? Será preciso dar vida às esculturas da Acropole ou às canéphoras do Pandrosium? Que mulher terá existido,—virgem ou prostituta—que mulher existe ou ha de vir que possa realizar para mim o ideal supremo da belleza feminina? Não sei. No passado houve mulher que agitasse o coração de dois povos e os precipitasse em luta incruenta: essa mulher impressionar-me-á? Não sei. O heróe hebreu foi traído por uma philistéa a quem amou profundamente. Dalila valerá para mim mais que outra qualquer? Não sei. (*Delirando*) Mulheres que agitastes terrivelmente o coração dos homens, fadas que tivestes o condão do amor, bellezas fataes, que déstes ao homem, no supremo goso, a dor suprema, Circe, Omphalia, Dalila, Helena, Cleopatra, vós todas, anjos do mal, vinde, vinde ver si podeis ser amadas do Dr. Jacobus!

CÔRO DAS MULHERES (*no ar*): — A nossa imagem de brilhantíssima formosura encheu de amor profundo o claro peito dos heróes. Passámos phantásticas e adoradas diante das nações

(1) Alcmeon, poeta lyrico.

pasmas á nossa vista, como diante de visões que evocassem genios de artistas ou de feiticeiros. O nosso olhar acendeu em corações de homens o fogo de paixões ardentissimas. Deitados aos nossos pés, os fortes como leões fizeram-se mansos como a pomba... Nos olhares onde brilhara o fulgor da colera e da vingança luziu a chamma do desejo, e labios que rugiam soluçaram supplicas e gemeram brandamente... Nós somos as mulheres que adoraram os heróes e os grandes e os fortes... A cabeça encandesciente dos amantes recostou-se-nos ao seio, onde elles dormiram horas de insana volupia... Em nossas frontes luz o estranho e allucinador diadema da belleza... Os nossos braços brancos e delicados são prisões fortissimas onde se chora de gozo e se estorce de prazer... Trazemos no seio o pomo vedado, que é o pomo da vida... Em nossos labios abre rubra e fascinadora a deslumbrante flôr que dá o gozo supremo... Nós somos a formosura que o mundo adorou, a belleza que appareceu como visão suavissima e luminosa ao genio dos poetas... Deitados aos nossos pés, os fortes como leões fizeram-se mansos como pombas...

O CORYPHEU (*destacando em plena luz*): — Vê, tu que procuras o amor, vê: eu sou o mesmo amor... Tu, que procuras a belleza, vê: eu sou a formosura real e viva... No coração dos que me contemplam a fôrma ideal deixo a scintillação magica do amor. Para o peito dos homens o meu riso é como a aurora que desponta rútila. Como o sol, que acorda a vida no valle e faz brotar a planta, o meu olhar faz nascer nos corações a flor do sentimento. Tu, que procuras o amor, vê: eu sou o proprio amor e a mesma formosura!

JACOBUS: — Visões que luzis no ambiente perfumado, a vossa voz resôa-me no peito dolorido como sons crystallinos de harmonia dulcissima... Dir-se-ia que me entornaes no seio ondas de luz, de perfumes, de sons deliciosos... As linhas das vossas fôrmas, que se desenhão no ar, fulgem vividas diante dos meus olhos deslumbrados. As vossas bocas purpurinas attráem-me delirante... Os vossos cabellos esparsos na curva suavissima do seio derramam no ar um perfume que o meu olfacto não conhece e que me embriaga a mente... Eu todo

vibro n'uma convulsão de prazer que dóe, n'um goso infinito, que é também um supplicio que aniquila... E diante de vós, encantadoras fataes, o meu olhar turba-se... (*Pausa*) Qual de vós será a amada do Dr. Jacobus?

CÔRO DAS MULHERES BIBLICAS :— Nós somos as mulheres cujo amor terrível foi o instrumento de morte dos inimigos do Senhor. Diante de nós ficou fascinado o espirito dos que iam a destruir Israel. O nosso amor é fatal como a morte... Para nós o amor é o peccado, é o mal... Os que nos amam sentem-se-nos presos por um encanto indestructivel... E maior é a sua paixão e mais violenta e mais fogosa !.... Os que nos amam morrem desse amor tão intenso que mata, tão forte que os consume... O nosso olhar coruscante tem brilhos fulvos, magneticos, de suprema e dolorosa volupia... O nosso amor é fatal como a morte... é a tormenta... é o veneno... é a dor lasciva : fulmina de goso, aniquila de prazer.

JACOBUS :— Pudesse eu um só instante sentir essa volupia indizível !... Fascinae-me, ó mulheres fataes, entorna-me no peito os philtros flammejantes dessa paixão que acendestes no coração dos inimigos do Senhor,— e que ella me devore como destruidor incendio, que importa ?!... Si os vossos labios rubros têm o travor do veneno, si o vosso cabello negro tem o effludio da mancenilha, si o vosso olhar ardente tem o raio que fulmina, si o vosso amor tem a morte, que importa ?!... Sou um homem que procura o amor, e si vós só podeis amar matando, matae-me ! (*Pausa*) Mas ainda diante de vós nada sinto a que possa chamar o Amor. (*Pausa*) E quem és tu, cujo olhar cheio de relampagos tem as attracções do abysmo ? Não sabes acender a chamma do desejo ? Eu quero amar.

JUDITH, CORYPHEU DAS MULHERES BIBLICAS :— Eu sou Judith, de Bethulia, sou a viuva de Manassés. O Senhor escolheu-me para ser a que devia fazer nascer no coração de Holo-phernés essa paixão que o matou. A minha imagem seduziu-o. Na tenda, durante o banquete, o seu olhar seguia-me avido, os seus labios tremulos pediam-me beijos e a sua mente encandescida delirava... A minha imagem enchia-lhe o espirito

como uma visão formosíssima que elle adorava... O meu riso era para elle como o desabrochar de uma flor luminosa... Para o espirito daquelle inimigo de Israel o meu olhar tinha brilhos estranhos, igneos clarões que cegavam... E elle, doido, caía-me aos pés querendo devorar-me, offegante, com as narinas dilatadas! (*Pausa*) Depois do banquete elle adormeceu sob a purpura da tenda. Quando a minha mão vibrou o golpe fatal, eu senti que o coração se me abria de dor: elle me amava! Tomei-lhe entre as mãos a cabeça pallida, e pareceu-me que os seus labios estendiam-se para a minha face. Eu sou Judith, de Bethulia: o meu amor é fatal como a morte.

JACOBUS:— Viuva de Manassés, o teu amor só é fatal à cabeça avinhada de Holophernes. O teu amor feroz é despido d'encantos, mulher de Bethulia. O Dr. Jacobus não te póde amar. (*Pausa*) E quem és tu, cuja fronte meiga se inclina?

ESTHER:— Eu sou Esther, da tribu de Benjamim. Formosa entre as formosas, o rei Assuero escolheu-me para sua esposa. Quando a sua colera caía sobre Israel, a minha imagem apparecia-lhe pura e radiosa a serenar-lhe o espirito. Sou a sobrinha de Mardocheu, formosa entre as formosas.

JACOBUS:— Tu és a formosa entre as formosas, e todavia diante de ti o meu coração não se agita. O Dr. Jacobus não é Assuero; eu não te posso amar. (*A outra visão*) E quem és tu?

DALILA:— Eu sou a philistéa Dalila. Ao forte dos fortes o meu amor tornou fraco e docil como criança. O meu amor venceu Sansão, o terrível juiz hebreu. A sua cabeça poderosa embriagou-se no meu seio, e elle bebeu-me nos labios o veneno que lhe roubou a força. Eu sou a philistéa Dalila.

JACOBUS:— O teu amor para mim vale menos que o ouro dos philisteus que te compraram. (*A outra visão*) E quem és tu?

RUTH:— Eu sou Ruth, a nora de Noemi,— a formosa; sou Ruth, a Moabita...

JACOBUS (*interrompendo-a*):— A minha capa não chega para cobrir-te quando te quizeres deitar ao pé de mim. Filha de Eglom, o Dr. Jacobus não te póde amar. (*A outra visão*) E

quem és tu, que tens na face angustiada o signal d'uma dor inextinguivel?

MARIA MAGDALENA:—Sou uma mulher da Galiléa. Tu que procuras o amor, ouve a quem muito amou. Eu sou Maria Magdalena, a peccadora. Um dia ante meus olhos passou uma figura de belleza ideal, loura e suavissima: tinha o olhar casto e luminoso, e na sua fronte serena e triste resplandecia como o brilho de mil sóes. E eu amei essa visão e segui-a apaixonada. Mais tarde conheci que amava a um Deus. Amor sacrilego, sem esperança! Elle voltou á sua morada eterna, e ainda hoje enche-me o espirito a sua imagem meiga e scismadora. Eu sou Maria Magdalena, a que muito amou.

JACOBUS:—Na tua febre de amor chegaste a apaixonar-te pelo proprio Deus! Não sei: o teu coração talvez pudesse comprehender o meu. Entretanto a tua figura chorosa só me inspira uma triste compaixão. Não, peccadora, o Dr. Jacobus não te ama.

CÔRO DAS MULHERES PAGÃS (*formando no ar grupos harmoniosos*):— Volta para nós a tua fronte, tu que procuras o amor. Nós somos o amor pagão, risonho e louro. Nós somos o amor fecundo e juvenil. A nossa fronte é coroada de pampanos e rosas, e o nosso pé agil traça no espaço as linhas graciosas da dança olympica. Os nossos dedos afilados arrancam da lyra que treme os sons vibrantes do Pœan. Ouve a cythara ionia, tu que procuras o amor. Tu que procuras o amor, vê como é doce a curva do seio da mulher grega; vê como na linha sensual da nossa anca opulenta o peplos cõe em dobras longas; vê como o nosso pescoço alvo como o cysne lembra a magestade da esposa de Jupiter; vê como todo o nosso corpo tem as ondulações da serpente, oh tu que procuras o amor!

JACOBUS:—O meu olhar fixa-vos deslumbrado, fôrmas esculpturaes, que o sol da Grecia illuminou de vida opulenta. Aos meus ouvidos chega melodioso o som de vossas falas, mais amoroso que a lyra eólea e que a voz dos rouxinões. O louro purissimo de vossos cabellos, plantados na cabeça pequenina, tem para mim reflexos que cegam. Mas quem sois, linhas animadas da esthetica pagã? Eu já vos admirei, —menos bellas

todavia— talhadas no marmore de Paros. Quem vos deu a luz do olhar e a côr ardente da face, fôrmas ideaes?

CÔRO DAS MULHERES PAGÃS :— Nós somos as mulheres, cujo amor placido ou terrivel é fecundo e ardente. O nosso seio é fonte purissima de vida.

JACOBUS :— Mas eu vejo-vos diversas : uma traz o peplos de purpura e aureo diadema ; outra tem na fronte clarões olympicos ; outra é a feiticeira, outra é sacerdotiza. Quem sois ? Dizei-m'o, vós que me fascinaes.

(O côro divide-se em duas partes)

CÔRO DAS MULHERES MYTHOLOGICAS, SOBRE O HYMETTO :
— Somos a que creou a alma da Grecia pagã. Fomos amadas de deuses. Rivaes das olympicas, nós resplandecemos na alvorada luminosa dos tempos heroicos da Hellada.

UMA CORETIDA (*Circe*) :— O mais sabio dos gregos, enfeitado, ajoelhou-se-me aos pés, doido de amor. Eu sou a filha do sol : por mim o coração do prudente Odysseus encheu-se de amor profundo.

OUTRA CORETIDA (*Omphalia*) :— Passando pela Lydia, viu-me o semi-deus, e a sua alma abraçou-se de paixão ardentissima. O que matou a hydra,— deitado aos meus pés, fiou a lâ. Eu sou Omphalia, que Hercules amou.

OUTRA CORETIDA (*Europa*) :— Arrebatou-me da Phenicia o amoroso touro divino e na vertiginosa carreira levou-me a regiões nunca vistas.

O CORYPHEU (*Lêda*) :— O apaixonado cysne fecundou-me, e do meu seio surgiu á luz a immortal belleza. Sou a mãe de Pollux e de Helena. O olympico, encantado, desceu a mim cheio de desejos, e sob as suas azas de alvura deslumbrante dormi somnos de volupia indizivel.

AS HOMERICAS PAIRANDO SOBRE O EGEU, EM FRENTE A SMYRNA : — O nòsso nome engrandecido resoou na lyra épica do filho de Chritéis, que a Grecia ouviu, enlevada e pasma. Os nossos amores tragicos tiveram a sorte de Ilion. Os nossos corações ardentes foram lanceados por todos os tormentos pro-

fundos. Por entre a guerra e o odio o nosso amor vivido e purissimo alimentou a coragem dos heróes. Nós somos aquellas que cantou o verso jonico do filho de Chritéis.

UMA CORETIDA (*Hecuba*):—Do meu seio saíram Paris e Heitor e Hellenos e Polyxena e Cassandra e Polydoro. Eu sou a mãe fecunda dos heróes troyanos... Sou a mãe de Heitor, o deus dos Teucros, a gloria de Ilion (1). Quando elle caiu, o campo dos Argivos ouviu o meu ulular tremendo.

OUTRA CORETIDA (*Andromacha*):—Sou a mulher de Heitor, sou o typo do amor conjugal. Eu tecia a lã, e o banho perfumado fervia na tripode; quando ouvi o grito de Troya olhei em torno do muro, e vi o cadaver do Priamida que os fogosos corceis arrebatavam para as náus (2).

PENELOPEIA:—Quatro annos eu fiz e desfiz a têa riquissima para o divino Odysseus, cuja bem amada cabeça chorei longo tempo (3). Os pretendentes cercavam o palacio real de Ithakê; e todos os dias e todas as noites elles se banquetevam, devorando a fazenda de Telemachos; as novilhas inteiras fumegavam e o vinho espumava nas kratéras... E o meu coração cobria-se de luto pela imagem que chorava, a imagem do divino Odysseus, «cuja gloria encheu Hellas e Argos.»

O CORYPHEU (*Helena á borda do mar*):—Helena eu sou, a que o fado condemnou a amar e ser amada. A minha imagem seduz os corações e acende a guerra. Eu sou a formosura olympica: fascino e arrebató. Os anciãos troyanos viram-me e perdoaram-me. De volta d'Ilion as portas do palacio de Menelaus abriram-se-me de par em par, e Esparta recebeu-me em festas. Da região das sombras o filho de Thetis fascinado desceu ao meu leito (4).

(O côro começa a fazer no *Hymetto* as evoluções correspondentes á estrophe, anti-estrophe e epodo):—Elle cala-se.

(1) Iliada, canto XXII.

(2) Ibidem.

(3) Odysséa—Rhapsodia II.

(4) Tradição referida por Pausanias.

Porque a sua fronte s'inclina pensativa e sombria quando em torno delle a formosura e o amor luzem fulgurantes?

JACOBUS: — Para que vos fiz eu surgir da região sombria? Descestes ao solo da Attica, mostrastes-vos sobre o marmore do Pentelico e sobre a onda azul do Egeu: e para que? para que? Para que, si me não apagaes o desejo lancinante? Para que, si vós, amadas dos olympicos e dos heróes, só tendes a minha admiração fervente e não o meu amor?! Fosseis vós — creaturas formosissimas — ainda mais formosas, tivesse o vosso olhar brilho mais intenso, a vossa boca risos mais provocantes, o vosso seio acendesse na mente desejos mais cálidos, — e a alma do Dr. Jacobus estaria ainda fechada ao Amor. Judith, pudesse eu ser Holophernes; pudesse eu ser o teu Páris, ó mulher de Meneláu! (*Pausa*) E entretanto são estas as mulheres, cuja fôrma correctissima realizou na terra a visão da Belleza, — do idéal que illuminou a imaginação phantasiosa dos artistas; são estas as mulheres que desvendaram o intimo segredo das paixões profundas. Dar-se-á que a minha alma esteja condemnada a procurar inutilmente o amor, a correr offegante atrás de um sonho que não tem realização possivel; a buscar no mundo exterior o que não tem vida sinão em si mesmo, vida intima, ideal? Porque esse amor que sinto por desconhecido objecto não desabrocha aqui e agora, grandioso e risonho? (*Longa pausa*) Enluta-se-me o espirito. Penetrei a noite profunda das idades, evoquei as figuras feminis que fulguraram em meio á treva sombria dos tempos, e a minha alma, um momento deslumbrada, fecha-se funebremente.

O CÔRO: — Elle soffre, elle soffre. O céu azul da Grecia, a larga paisagem fresca e risonha, o cantico religioso e profundo do Egeu, a fôrma divinal da Mulher, o som da cythara ionia, nada disso val para sua alma cheia de dor. Abre o coração aos risos da natureza hellenica, ó Jacobus! Contempla na sua magestade olympica a immortal Formosura!

O CORYPHEU: — Vem, Jacobus! Eu sei dar a alegria juvenil! Vem: na gruta sombria que se abre ao pé do bosque perfumado dormirás em meu seio. Vem!

JACOBUS: — Fugi, formosissimas imagens, fugi!

O CORYPHEU:—Vem! No crystal purissimo da corrente espelharemos os nossos rostos illuminados de alegria, e os satyros fugirão sorrindo maliciosamente, ao verem enlaçado o amoroso par. Vem!

JACOBUS:—Brancas pombas de Thisbe (1), voae, ide-vos! Não vos posso amar. O que seria junto à vossa fronte limpida o meu negro rosto contraído? Ide-vos, voae, brancas pombas de Thisbe!

O CÔRO:—Elle não póde amar as que os deuses e os heróes amaram. Quem és tu então, alma fechada ao sentimento? O que fazes na Grecia ridentissima, tu que tens o coração cheio de tristezas?

JACOBUS:—Ide-vos, ide-vos!

O CÔRO (*que se vae pouco a pouco esbatendo na luz do horizonte até desapparecer*):—Adeus risonha Aktê, formosa patria do Amor, adeus! Nós voltamos às regiões das sombras. Adeus! Sobre a relva da planicie da Attica as nossas lagrimas de saudade cáem abundantes. Tu vês, formosa Aktê, elle não nos póde amar, a nós, que adorou o olympico. Volve-mos tristes para a noite escura. Os soluços enchem-nos o seio na hora em que sobre a onda verde lançamos o derradeiro olhar. A nossa face empallidece, Aktê; o coração dolorido confrange-se-nos à hora em que sobre ti cáem as nossas derradeiras lagrimas. A nós que vivemos do Amor, quem amará na região sombria onde não floresce o sentimento? Viemos risonhas e animadas, desenhando no espaço a nossa fôrma graciosa: à hora da partida a nossa figura chorosa esbate-se na luz do horizonte. O nosso pé ligeiro deixa o marmore do Pentelico. O nosso olhar apaga-se; e esvaece-se no ar a curva do nosso seio. Adeus, patria do Amor, Aktê formosa! A' hora da partida as nossas lagrimas de saudade cáem na relva da planicie. (*Do fundo do horizonte*) Adeus, terra que amámos, terra onde para nós floriu perfumada a existencia. Adeus, formosa Aktê! (*Desapparece o côro*)

(1) Thisbe, abundante em pombas. Vide Homero.

JACOBUS (*erguendo a cabeça*):—Foi como si, por um momento, o céu se abrisse, e as imagens olympicas surgissem à minha vista. Durou um instante a assombrosa visão. Quando eu comecei a contemplal-a, extatico, o céu, subito, fechou-se! Por minha vez digo: adeus, adeus, sonho que amei!

(*No bosque das Eumenides. Noite.*)

JACOBUS:—O loureiro, a oliveira e a vinha florescem luxuriantes; o rouxinol canta sob a copa do arvoredor; um cheiro agreste exhala-se dos limoeiros floridos. E, todavia, este bosque é de uma tristeza funebre. Sente-se aqui a dôr tragica do filho de Jocaste. Como que se ouve um grito agudo e dilacerante de Io perseguida pelo tavão. Tu és a imagem sombria de minha alma, ó bosque das Eumenides!

O CÁOS, A NOITE E O EREBO (*personagens mudos*).

JACOBUS:—O meu espirito, ó Cáos, é como tu, um amalagama confuso; como tu, ó Noite, a minha alma é cheia de trevas profundas; e o meu coração é como tu, ó Erebo, um rio de lama e negror. (*A lua surge. Desapparecem as tres personagens.*)

JACOBUS (*saindo da floresta*):—Um raio de luar tingiu de branca luz a folha do loureiro. A minha alma exhausta de dor asserena-se. Suave melancolia invade-me.

UMA VOZ LONGINQUA:—O pastor apoiado ao tronco do pinheiro tira da rude avena os sons d'um cantico dulcissimo, enquanto as bellas vagas murmurosas reflectem a imagem mobil do cão que corre ladrando na praia arenosa. (1)

JACOBUS:—Ao ouvir esta melodia singela, o meu coração renasce.

A VOZ (*mais ao longe*):—Sentados sobre uma branda camada de algas, os velhos pescadores conversam à noite, enquanto o mar bate mollemente ao pé das suas cabanas de colmo (2). (*A voz extingue-se.*)

(1) Theocrito. Idyllios.

(2) Idem, ibidem.

AS NEREIDAS (*aproximando-se da praia*):—Que a nossa voz melodiosa e mansa eleve-se brandamente e adormeça-lhe o espirito ardente, e que sonhos fagueiros adejem como brancas borboletas em torno da sua cabeça fatigada. Que durma e sonhe para que sua alma apaixonada renasça ao amor. (*Jacobus adormece.*)

ANNIBAL FALCÃO.

(*Continúa.*)

PLASTICA

INTERMEZZO DA TRAGEDIA DE JACOBUS (¹)

ALVORADA

JACOBUS:—Eu vos evoco, artistas, homens sublimes, em cuja mente fulgurosa não se apagou a reminiscencia do Bello Idéal. (2) Vinde, vinde a mim, imaginações poderosas, phantasias creadoras da suprema belleza. Surgi á luz, artistas da Hellada. (*Apparecem os artistas, a cuja frente se vêem Phidias, Praxiteles, Zeuxis, Parrhasio, Apollodoro e Pygmalião.*)

CÔRO DOS ARTISTAS:—Nós estávamos na contemplação da Eterna Belleza. Para que nos chamas?

JACOBUS:—Evoquei a sombra augusta das mulheres, cuja immortal belleza foi ao mundo assombro. Diante de mim passou a legião brilhante das formosas, e o meu coração, um momento agitado, não as pôde amar. Vós sómente, ó artistas, podeis fazer sair da vossa imaginação creadora a belleza que eu devo amar; vós somente, ó artistas, em cujo espirito não se apagou a imagem que vos fascinou no Olympo. Vamos, fazei florir a vossa inspiração « loureiro que nunca morre ».

(1) Vide a Revista do 1.º de setembro.

(2) Segundo a theoria de Platão.

PHIDIAS:— Deixa-me voltar à contemplação da Belleza Idéal.

JACOBUS:— Não ! Eu quero para a que devo amar a magestade estranha e grandiosa da tua Pallo-Athena.

PRAXITELES:— Para que me despertaste quando abrazava-me a mente enlevada a visão da Eterna Belleza ?

JACOBUS:— Eu quero para a mulher que devo amar a graça ineffavel da tua Venus de Guido.

ZEUXIS:— E o que de mim desejas tu?

JACOBUS:— A correcção das linhas divinaes que déste á tua Helena; quero que, como fizeste ao teu Amor (1), corões de rosas vivas a cabeça adoravel da mulher que devo amar. De vós, Porrhasio e Appolodoro, quero o colorido animado e brilhante com que illuminastes as vossas telas immortaes.

PYGMALIÃO:— Eu volto a contemplar o Principio, com uma parcella do qual illuminei de vida formosissima a Galathéa que amei.

JACOBUS:— Não ! Eu quero que o sopro ardente e fecundo da tua paixão anime a que devo amar. Ide, artistas, creae, creae a que deve ser amada do doutor Jacobus!

OS ARTISTAS:— Vae, vae, Jacobus. Ella descera do Hélicon, a que tu deves amar. A sua imagem de formosura indizivel será juvenil como a alma da Grecia que a vae crear. (*Jacobus desaparece.*)

OS ARTISTAS:— (*Em côro*) Faze descêrem sobre a nossa fronte os raios da inspiração divina, ó filho de Latona. Deus da luz e da harmonia, fecunda a imaginação dos artistas da Héllada. Tu que tens na mão a lyra de cantos immortaes, e em torno da cabeça ornada de longos cabellos a fulgurante aureola, ó formoso mancebo divino, accende a mente phantasiosa dos artistas. Faze que salte viva ao nosso escôpro, mais bella que a Daphnis que tu amaste, aquella a quem o doutor Jacobus

(1) Vid. Aristophanes-Acharmianos.

deve adorar. Faze que ella tenha a magestade olympica de Pallas e a graça divinal da mãe do Amor. Faze que na sua face rosas purpurinas desabrochem vivas, que no seu olhar voluptuoso e casto haja o brilho profundo das estrellas, que a sua fronte pequenina e lisa relusa candida, que o seu pescoço seja a um tempo altivo e gracioso. Filho de Latona, formoso mancebo divino, accende a inspiração dos artistas da Héllada! (*Entram na officina.*)

PLENO MEIO-DIA.

PLASTICA (*surgindo sobre o alto do Hélicon*): — Sou a filha do deus da luz e da harmonia. Formou-me a alma artistica da Grecia. Sou a que deve ser amada com amor ardente e profundo.

CÔRO DAS CANÊPHORAS DO PANDROSIUM (*Ao sopé do Hélicon*): — Surgiu da luz serena e clara a Déa, como outr'ora Venus surgiu da vaga azul. A' sua voz eleva-se em cantico altisono a voz sonora do mar; na floresta calam os rouxinóes; as nereidas levantam a cabeça coberta da branca flôr da espuma, e, arrebatadas, contemplam-na; junto á boca das grutas vêem-se torsos de faunos pasmos diante da sua belleza. Oh! Como é formosa aquella que deve ser amada!

CÔRO DAS PINTURAS DOS VASOS ATTICOS (*na faldá do monte*): — Desce o Hellicon, desce, immortal! A planície touca-se de flôres macias, cujos calices perfumados abrem-se para que as pise o teu pé ligeiro. Desce, filha da luz! Foi a sua apparição como uma aurora formosissima. Resoam no ambiente diaphano harmonias eucantadoras. Desceu Helicon, immortal!

PLASTICA: — Já o meu pé ligeiro pisa a relva macia da encosta. Eu desço sobre a terra da Attica. Que deliciosa estancia! Como é largo e elevado este platano. O agnus-castus em flôr parece estar alli para embalsamar o ambiente. (1) Na corrente purissima e molle banha-se o meu pé. Como deve

(1) O Catão.

ser bom repousar a cabeça na relva que as boninas matisam, diante do mar que se quebra em vagas altíssimas na rocha das Cycladas!.

CÔRO DAS CANÉPHORAS DO PANDROSIUM:—Ella desceu á planície. Como é formosa a sua boca pequenina, que se abre em risos de ventura como luminosa flôr. Feliz, feliz aquelle que te deve amar!

CÔRO DAS PINTURAS DOS VASOS ATTICOS:—A Appollinea filha desceu á campina da Attica. Como o seu peplos cæe em dobras longas deixando-lhe ver o tornozello que arreбата! Como a sua fronte é lisa e pallida! Como deslumbra a alvura dos seus hombros. Feliz, feliz aquelle que te deve amar, filha do verso e da luz!

PLASTICA:—Eu desci sobre a planície da Attica e como doida corro e danso por entre os arbustos em flôr.

CÔRO:—Como seus movimentos são graciosos!

PLASTICA:—Quem sois vós, lindas raparigas, que trazeis sobre as cabeças açafates de vime delicado?

AS CANÉPHORAS:—Vem, vem connosco dansar á sombra daquelle platano frondoso. Deixa-nos enlaçar-te a cinta graciosa.

PLASTICA (*dansando com o côro*):—Os nossos movimentos ligeiros são cheios de harmonia.

CÔRO:—Dá-nos a tua mão. Dansemos, filha da luz. (*Dansam*)

JACOBUS:—Eu estava, ó Déa, na contemplação de tua formosura olympica, enlevado e mudo. Vi-te surgir sobre o cume do Helicon, e como um clarão enorme illuminou-me! Desceste a encosta e o meu olhar ávido seguiu-te, acompanhando o menor movimento do teu corpo gracioso. Pisaste a relva da planície e eu vi-te na dança languida ondular como a serpente. Na minha adoração silenciosa e intima fiquei, occulto na floresta. Como eu te amo, filha de Apollo! Como eu te amo, a ti, que vieste encher o vacuo profundo do meu coração!

PLASTICA:—Quem és, quem és que te adiantas para mim?

CÔRO.— Quem é aquelle que se adianta para nós, quebrando assim o concerto harmonico das bellezas artisticas?

JACOBUS (*a Plastica*):— Sou aquelle que te deve amar, que te ama com profundo amor febril. A' minha evocação, os artistas da Héllada formaram-te, e a vida luziu em tua fronte. Por toda a parte procurei-te, quasi louco. As formosuras mortaes não foram para mim sinão um reflexo pallido do ideal que eu sonhava e cuja concretisação tu és.

CÔRO:— A sua voz dissonante não tem as modulações do canto jonico. Como são desgraciosas as linhas do corpo anguloso! Como a sua barba grisalha é longa e hirsuta! A sua fronte calva é enrugada e negra! Vae-te, vae-te! Tu quebras o concerto harmonico das filhas da Arte.

PLASTICA:— Eu vim para ser amada... e és tu que surges ante mim!

JACOBUS:— Vem! Deixa quebrar na praia a vaga escumante. Na minha gruta fresca e aprazivel a noite é branda e agradável. Loureiros verdes e cyprestes esguios elevam-se-lhe ao pé. Os ramos da vinha escondem-lhe a entrada. Vem!... Enquanto no flanco da montanha a neve rola em ondas, nós ouvimos a musica susurrante da floresta (1) Vem!

PLASTICA:— E', pois, a ti que eu devo amar? Quem és?

JACOBUS:— Vem! Na escuridão da gruta a minha voz mansa dir-te-á quem sou e como delirante procurei-te em toda a parte. Porque te esquivas? As stalactites são mudas, o raio do luar não penetrará na doce estancia do nosso amor. Vem!

PLASTICA:— Falas-me, e não te comprehendo. As tuas palavras ferem-me os ouvidos. Na tua fronte negra o meu olhar não se póde demorar. O que farás tu junto a mim?

JACOBUS:— Não fujas. Entra comigo na gruta sombria, onde se deve realizar o nosso connubio fecundo.

PLASTICA (*ao côro*):— Eu vim para ser amada. E' forçoso que se realize esse connubio.

(1) Vide o que diz a Galatêa o cyclope amoroso.

CÔRO :— Estranho e infecundo connubio ! Elle aproxima-se da filha da luz. Que horror ! O satyro junto á nympha ! A barba intonsa e feia junto á fronte branca e pura ! Ah ! Ella foge... foge... Elle presegue-a. Corramos a defendel-a ! Ai ! o seu pé escorrega ; ella cae, e á força o fauno arrebat-a. Oh ! Leva-a á gruta... A alegria luz-lhe na face incendiada.

PLASTICA :— Vinde em meu auxilio, ó lindas raparigas, vinde !

CÔRO :— Corramos. Lá penetrou na gruta ! Infeliz', infeliz a formosa que caiu nos braços do satyro ! Maldito, dez vezes maldito sejas tu que a raptas !

A VOZ DA PLASTICA (*dentro da gruta*) :— Não vos afasteis, não me abandoneis assim, ó companheiras !

CÔRO :— Maldito, maldito o satyro !

Noite

ANTHOLOGIA

AS OITENTA NEREIDAS :—(1) Rompendo a onda azul do vasto rio, que circumda a terra (2), a nossa cabeça loura surgiu ao luar. E' noite, noite attica, limpida e perfumada. Que a nossa voz erga-se em choréa languida a cantar a bella filha de Apollo, a Plastica formosissima. O nosso corpo deslisa manso na superficie da agua immobil, e o nosso olhar luzente de ardentias busca descobril-a á boca da gruta sob os limoeiros floridos. Surge, surge, flor de belleza, em meio á noite esplendida. Aphrodite, deusa de bella coma, rainha do hymeneu, furta-a aos braços do que a ama, rouba-a áquelle que a tem presa, apaixonado diante da sua indizivel formosura.

(1) De Hesiodo.

(2) Segundo Homero.

AS TRES GRAÇAS

THALIA:—Vem, transpõe a boca da caverna escura, ó deusa da luz e da harmonia. Todos os perfumes olympicos, os aromas, o incenso e a myrrha vagam no ar, subtis e penetrantes.

EUPHROSINA:—Surge, surge, Déa! Foge dos braços do satyro, foge do irmão de Chiron! A filha de Hyperion e de Thaia derrama no ambiente raios brandos que são philtros de amor; mais doces que a divina ambrosia caem gotas de sereno.

AGLAIA:—A's minhas irmãs mais velhas junto-me a chamar-te, ó Plastica! Surge! Na curva suave da onda ergue-se o corpo gentil de Amphitrite. Todas as creações da grande belleza olympica esperam-te. Vem! A noite grega vae scintilante de formosura.

AS TRES GRAÇAS EM CÔRO:—Vem! Começa já o concerto da belleza immortal. Só tu faltas. A luz suave da filha de Hyperion dá aos marmores do Pentelico meias tintas, brandas e delicadas; no ar as linhas desenham-se puras; é graciosa a curva da onda, e a severidade do perfil grego é de uma correcção que o artista não alcança; a voz das Nereidas enche a alma de langor; os perfumes penetrantes embriagam. Tudo é bello e amoroso na esplendida noite attica. Só tu faltas; só a tua fronte em que scintilla a immortal belleza não se levanta em meio à harmonia divinal da noite grega!

ANADYOMENE (*sobre a escuma*):—A murta, as rosas, as violetas rescendem. Quem será insensivel a esses perfumes que despertam no seio a chamma do Amor? (*A's Nereidas*). Entoa, ó filhas da vaga azul, entoa a melodiosa choréa: e ao som da vossa voz feiticeira, ao cheiro dos perfumes aphrodisiacos, à luz fresca e molle que cae da esphera azul, o seu coração desabrochará ao amor vivo e apaixonado.

AS CREAÇÕES DA ARTE HELLENICA

A VENUS DE GUIDO:—Eu sou a filha da arte grega, a que representa na terra a belleza olympica. No concerto da formosura immortal entra a minha fórma correcta.

A VENUS DE MEDICIS (*mesmo perfil*):—Formemos os grupos de linhas purissimas e ideaes. Personificação da esthetica pagã, a minha fôrma é a correcção suprema.

A VENUS DE MILO:—O meu corpo nú é a realização estranha de toda a formosura. Na curva de meu seio ha a linha ideal que traduz o amor,—o pomo dourado que eu trago na mão.

O AMOR DE ZEUXIS:—Vêde no meu olhar a luz fascinadora; na minha face o brilho suave e ao mesmo tempo vivo e travesso. A minha mão pequena e gorda abre feridas mortaes. Eu sou o filho de Venus e de Loxias, da Belleza e da Luz.

AS CANÉPHORAS DO PANDROSIUM E AS PINTURAS DOS VASOS ATTICOS:—A linha e a côr nós somos. O que a inspiração dos artistas viu no Olympo, nós concretizamos. Somos a belleza artistica.

TODAS EM CÔRO:— Surge, ó divina filha de Apollo! Deusa da luz e da harmonia, da fôrma e da côr, tu só, tu faltas ao concerto das bellezas olympicas. A noite grega vae em meio e a tua fôrma esthetica falta ao grupo da formosura suprema.

NA GRUTA

JACOBUS:— Porque, ó Déa, o teu labio, quando d'elle approximo a minha boca ardente, é frio como o marmore? Porque uma nuvem de melancolia negra vela-te a fronte, o teu olhar turva-se, e lagrimas correm-te pela face? Ao ver-te pallida e chorosa, o meu coração confrange-se.

PLASTICA:— Junto a ti eu soffro. Tu não és aquelle a quem devo amar. A tua alma ardente é cheia de negror. Eu sou a filha formosa da Héllada risonha. O meu coração não te comprehende. Quem és tu, irmão de Chiron? Tu vens da noite.

JACOBUS:— Eu venho da noite das idades. Muita cousa vi. A minha alma lanceada por tormentos que não conheces vem junto a ti procurar o repouso. Tu és o meu doirado sonho de amor. Deixa descansar em teu seio a minha cabeça cheia de

pensamentos. Dá-me um dia, uma hora, um instante, visão que eu creei, dá-me um momento a suprema ventura, que ser-me-á a suprema força. Eu saio da noite das idades. Muita coisa vi. Deixa-me aqui descansar, na doce contemplação da tua formosura que amo.

PLASTICA:— Oh! não! Eu não te posso amar. Alma estranha á minha, fôrma que me repugnas, coração sombrio, quem és não sei, não o saberei nunca. Ao pé de ti eu soffro; ao pé de ti as lagrimas banham-me a face, o meu coração dolorido confrange-se, a minha boca emmudece, e a alegria, —passaro de formosa plumagem, vôa, vôa, vôa!... Eu não te posso amar.

JACOBUS:—Ao ouvir-te, a dor, como um dardo, atravessou-me o coração. (1) Uma nuvem pesada de tormentos escurece-me o espirito. Sonho! sonho! sonho que amei! O' fria estatua, como poderei eu renunciar-te? Atravessei o tempo e o espaço, anhelante, abatido, na luta incruenta. Quando eu caía ex-hausto e para mim abria-se hiante a boca da cova, ainda um pensamento de coragem atravessou-me o espirito. E então procurei-te por toda a parte, a todas as horas. Pedi ás paginas sagradas da Biblia o segredo da tua formosura; os cantares dos minnesingers e dos trovadores ouvi-os; senti o sopro quente e sensual dos poetas mouriscos. Nada disso enchia-me a alma em ancias. Voltei-me então para a terra da Attica, e, á evocação suprema da minha imaginação poderosa, tu surgiste, « alma serena como a calma dos mares, » « flor de belleza fatal ao coração » (2)

PLASTICA:—Maldita, maldita seja a minha formosura, mais fatal a mim mesma que ao coração dos que me amam. Eu te maldigo, fulgor dos meus olhos, graça do meu sorriso, encanto da minha fronte, belleza do meu corpo, eu te maldigo!

(1) Eschylo—Coephoras.

(2) Eschylo—Agammenom.

FÓRA DA GRUTA

AS OCEANIDAS:—Que a voz de Orpheu entôe o hymno em honra da formosa Plastica.

A VOZ DE ORPHEU : (1)

PERFUME DE PLASTICA.

As rosas.

Divina filha do mancebo de formosa coma, Plastica immorttal, o suave perfume da rosa, que « exhala o amor » (2), eleva-se a ti ! Tu tens na fronte um fulgor que irradia, ó filha de Apollo Illustre entre as immortaes bellezas, rainha, irmã gemea da harmonia, deusa de fórmias ideaes, luminosa, a alma da Hellada te saúda ! Tu és a concretização de tudo o que fascina. Tu és a Arte, filha de Loxias. A côr, a fórmula, o som, o verso e a luz resplandecem em tua fronte. Rival de Anadyomenes, formosa entre as mais formosas, salve, immortal ! Salve, Athenéa, salve Aphrodite ! A alma da Grecia entoa em tua honra um hymno de louvor imperecível. Salve, formosa !

Côro:—O perfume das rosas vaga no ar em ondas diaphanas; eleva-se sonora a voz de Orpheu, e ella não vem ! Maldito o satyro que a tem presa, maldito ! O ciúme roerá o teu coração, satyro hirsuto ! O fel das illusões perdidas será a ambrosia que beberás no seu labio, irmão de Chiron ! Os travos do veneno, o aguilhão do remorso, o pavor da consciencia, a dor profunda, tudo ha de ferir-te, maldito. A tua boca se unirá à boca de Tsyphone, que te sugará o sangue, envenenando-te o corpo com a mordedura do seu unico dente ; Alecton te enrolará amorosa na sua cabelleira de serpente ; Tsyphone estender-te-á a sua mama secca e mirrada, onde sugarás o leite do desespero. Atropos, Lochésis, Clothos derramar-te-ão n'alma todas as

(1) Vide Orpheu — Hymnos.

(2) Sapho.

afflicções e todos os tormentos. A ancia, a colera, o terror, todas as dôres, tudo, tudo para ti, satyro maldito !

PRIMEIRO MEIO CÔRO :— A onda como enorme tunica azul já envolveu o corpo nũ de Amphitrite ; vae-se apagando no céu a luz da filha de Latona : a noite grega chega ao seu termino.

SEGUNDO MEIO CÔRO :— Dispersemo-nos. Findou a noite grega. Filhas da natureza, volvei ao seio vastissimo de Pan. Tornae aos templos, creações da arte. Já um raio dourado brilhou no cimo do Hélicon. Ilé-hen, Phebus-Apollo ! (*Desaparece o côro*).

VISÃO DO AMOR

Jacobus :— Junto á extrema felicidade está o infortunio extremo. (1) Tudo perdido e vão ! E sobre a minha alma afflictada desceu a noite da desesperança. Aquelle sonho azul, oasis no deserto extenso das minhas dores, esvaeceu-se subito. Evaporou-se a visão ! Oh ! não ! A visão vive, luz, irradia em meio á treva funda do meu espirito : o que voou foi a esperança de felicidade, o desejo de paz e repouso, a consolação suprema do amor. (*Pausa*) Dolorosos pensamentos, atravessae-me o cerebro, — encandescete fragoa ; desejos insaciaveis, abra-sae-me o coração ; dor, fustiga-me, dilacera-me, esmaga-me : da minha alma soffredora, exhausta, abatida, não fugirá a imagem da sua formosura esplendida.

CORO DE NYMPHAS :— A dor agilhoa-o, cruel, constante, ineluctavel ! Elle sofre. Para o seu coração já nem uma esperança de luz. A sua alma é escura como o fundo das cavernas. O satyro geme. O seu soffrimento é concentrado e mudo. Como elle é feio com a testa vincada pela dor, o peito inchado de suspiros ! Como é feio o satyro !

MORPHEU (*sob a figura de uma grande borboleta, uma papoula na mão*) :— A treva cahotica do seu espirito eu vou substituir o torpor do somno profundo. Assim é preciso. E'

(1) Sophocles.

necessario que elle durma. O formoso Achilles vae descer ao leito de Plastica : é necessario que adormeça o satyro. (*Passando pelo rosto de Jacobus as petalas da papoula*) Dorme. Verga a cabeça, dobra os membros, estende-te ao longo. A sombra das minhas azas envolve-lhe a cabeça, que o somno invade.

JACOBUS: — Misturam-se-me, em confusão enorme, dolorosos pensamentos indecisos. Um torpor pesado apodera-se de mim. A dor abate-me. (*Adormece*)

MORPHEU (*adejando*): — Elle adormeceu. Durante o somno do satyro, Achilles descera ao leito de Plastica. Ah ! ah ! ah ! Chiron, toma cuidado : dorme o teu irmão. (*Exit.*)

CORO: — O satyro dorme. Ah ! ah ! ah ! Vae descer a sombra do filho de Thetis, honra concedida somente áquelles cuja belleza foi grande, e em cuja formosura não teve poder a morte (1) O mais formoso dos heróes baixa ao leito da mais formosa filha de Apollo. Que fecundo hymeneu !

A SOMBRA DE ACHILLES (*baixando e aproximando-se da Plastica*): — Do Olympo o meu olhar seguiu-te. Fascinou-me a tua imagem, estranha criação da arte. Mais que a fôrma gentil de Helena, que uma vez chamou-me apaixonada da região dos deuses, a tua formosura indizível fascinou-me, Apollinea. Vem ! No claro peito largo do heroe Argivo a tua cabeça pousará mollemente.

CORO: — Architectos, dae mais elevação a essas portas, porque o espaço que as adiante é semelhante ao Deus Marte. (2) Vae, filha de Apollo. Não te apaixona a sua varonil belleza ? O seu olhar cheio de relampagos não te seduz ? Não sentes o efflúvio penetrante que exalam os seus longos cabellos ! Vae, Apollinea ; é brando o seio duro dos heróes. « Mas já todas as cores se confundem no seu rosto. » (3) Perturba-a a presença

(1) Platão—Plédon.

(2) Sapho.

(3) Eadem, ibidens.

do Argivo: o seu coração agita-se. Ella baixa, enleuada, o olhar. Achilles venceu-a.

ACHILLES:— Levanta a fronte augusta, ou, si bem queres, repousa-a sobre o meu coração. Um desejo de fogo anima-me. Deixa-me tomar-te a mão, ó bem amada! Flor de belleza, o perfume do teu seio virgem embriaga-me!

PLASTICA:—«O amor que vence todos os obstaculos agita-me e perturba-me. Passaro manso e cruel, quem ha que lhe resista?» (1) Sim, eu te amo, formoso heróe. Vem. Sou tua. A minha alma cheia de desejos exhaure-se em delicias. Vem. A tua fronte varonil é bella. No teu peito largo deve ser bom repousar a minha cabeça pequenina. Cobre-me de beijos, heróe que me amas, enlaça-me, devora-me! Eu desfaleço de gozo sob a luz quente do teu olhar.

CÔRO:—Ella caiu nos braços do Argivo heróe. Que beijos rumorosos soam! Como no labio cáldo estála fremente o labio! Os cabellos esparsos confundem-se numa nuvem de oiro. As fórmam misturam-se em harmonia de estranha correcção. Ella resiste e cede, foge e supplica. Elle tomou-a já nos robustos braços. A cabeça pendente, a boca entre-aberta, offegante, os braços hirtos, ella desapareceu no fundo escuro da gruta. Amphitrite, déa do hymeneu, protege o formoso par que ama no fundo da gruta tenebrosa! E o satyro dorme. Ah! ah! ah! Dorme o teu irmão, Chiron! Ah! ah! ah! ah! ah! ah!

A VOZ DE SAPHO:

Feliz quem junto a ti por ti suspira,
E as falas te ouve, que o prazer lhe entranham.
Vê teu meigo sorriso deleitoso!

Essa dita, a dos Numes não a iguala.
Sinto de veia em veia subtil flamma
Correr, quando te vejo, em todo o corpo;
E no arroubo em que esta alma se me prende
Busco a voz, busco a lingua; ambas deixaram-me.

(1) Sapho.

Nuvem de confusão me enleia os olhos ;
 Já nada escuto ; languida esvaneço ;
 Gêlo e fogo me invade ; e eu tremo e morro.

.....(1)

PLASTICA (*do fundo da gruta*):—«Virgindade, virgindade, para onde vôas depois de me haveres abandonado! » (2) Não voltarei mais a ti, não voltarei mais !

CÔRO:—Consummou-se o hymeneu fecundo. Salve Achilles, heróe que amou a filha de Apollo, a Plastica de olhos azues. Graças delicadas, e vós, Musas, saudae a noiva timida, mansa pomba que deixa cair languidamente a aza fatigada.

JACOBUS (*despertando*):—Os meus olhos abrem-se á luz que os fére ; a voz profunda e vaga da Natureza faz-me dõer os ouvidos. Sae da treva do somno o meu tenebroso espirito. Irrisão !

CÔRO:—O satyro acorda. Foge, sombra do filho de Thetis, foge da cólera do irmão de Chiron ! (*A sombra de Achilles vôa passando por junto de Jacobus.*)

PLASTICA:—« Passaro sagrado, trouxei-m'o, trouxei o vo-luvel meu amante. » (3) Tu foges adorado mancebo divino, e o meu coração se enche de lagrimas de saudade. Trazei-m'o, trouxei o meu amante !

JACOBUS :—Que sombra horrivel se me projectou n'alma ! E, ao mesmo tempo, como lampadodromia horrivel, clarões súbitos, deslumbrantes, que se apagam e reascendem, relampagos que cégam e abrem, rápidos, a escuridão, como um numero enorme de estrellas cadentes em todas as direcções, em zig-zags, como o raio, em curvas rapidas, em rectas bruscas, fendem-me o cerebro que estala !

CÔRO :—O satyro viu a sombra do formoso Achilles. Que é das tuas redes, Vulcano ? O amoroso passaro bateu as azas.

(1) Traducção do Folinto Elysio, conforme a de Boileau.

(2) Sapho.

(3) Eodem.

Tomo V.—45 de setembro, 1880

JACOBUS (*ao côro*): — Vós vistes? o que foi? Uma sombra passou junto a mim. Saia desta gruta. Senti o seu contacto. Escapou-se. O que foi? E' noite? E' dia? O que foi? Respondei.

CÔRO:—O amoroso pombo batêu as azas que te roçaram a face. Tu dormias, Vulcano, sem que houvesse antes preparado as malhas. O passaro voou. Eis tudo. O que queres? Ah! ah! ah!

JACOBUS:—O som das vossas risadas é lugubre. Parece um choro por mortos. Quem morreu aqui? Dizei-m'o.

CÔRO:—O passaro voou. Ah! ah! ah!

JACOBUS (*depois de larga pausa*):—Ah! Foi a minha illusão, o meu sonho de amor, foi o meu ideal.

PLASTICA (*chegando á boca da gruta*): — Onde está elle, o amante meu voluvel? (*Vendo Jacobus com um movimento de horror*) Oh! o satyro!

No bosque das Eumenides.

JACOBUS:—Aqui o grito de terror ecôa estridulo; aqui vibra feroz o brado de colera e de vingança; aqui a sombra de Clytemnestra está em cada clareira, a buscar as irmãs que dormem e resomnam; aqui a folhagem que reluz, o arvoredado que viceja, a primavera que flori, o ramo que braceja cheio de seiva, dão o desespero, que produz nos que se contorcem na ultima agonia a imagem da formosura, da saúde, da força, da vida, de tudo que elles vão acabar de ver, de sentir, de gozar, e de ser. Aqui tem a morte a sua estancia e a dôr o seu indisputavel dominio. Aqui está a Natureza palpitante e opulenta como antithese ironica do aniquillamento,—ultima esperança e ultimo febril desejo daquelle cujo pé caminha sobre a folha sêcca destas sombrias trilhas. Aqui a luz dourada que cáe do céu azul é o contraste da escuridade que envolve o espirito de Orestes. Aqui o silencio tem vozes de terror que gelam; o raio luminoso que atravessa a ramaria é um olhar que entra fundo na consciencia espavorida; a flor do limoeiro tem um perfume subtil e venenoso; na fonte que corre crys-

talina espelha-se a figura chorosa e contraída; o rouxinol que dorme, a cabeça sob a aza, tem as scintillações fulvas da plumagem do corvo: a folha que cãe é uma illusão desfeita; a cigarra que canta parece rir sardonica. Aqui está o cuidado, o delirio, o medo, o remorso, a colera, a miseria, o desespero! A minha cabeça entra bem nesta moldura; minha dôr enche bem esta floresta. Bosque das Eumenides, scenario em que o meu soffrimento se ostenta e se desdobra, em que a minha tragedia se enquadra!

PLASTICA:— Este é o terrivel bosque das Irmãs. Na minha alma tristissima o terror domina. Ai de mim!

CÔRO DAS CANEPHORAS:— Plastica, a imagem real da formosura e da vida no sombrio bosque da morte! Aquella que devera reluzir entre as linhas elegantes das columnas corynticas, destaca-se dentre os troncos negros! Na clareira funebre a que devera brilhar no magestoso templo esplendido, diante da face augusta do Zeus de Praxiteles! O que será? O que será? O satyro arrastou-a. Oh sombras dos heróes, de Hercules e de Peleo, vinde, vinde, Achenianos, destruir o satyro!

ULTIMA VIZÃO DA RENASCENÇA

CASSANDRA:— Oh ceus, oh terra, Apollo!

CÔRO:— A sua voz tem entonações de dôr. Essa é a prophetisa que um dia desceu do carro de Agammenon á porta do palacio real de Argos.

CASSANDRA:— Afastae-a, afastae-a!

CÔRO:— O que se vae passar? A voz inspirada da prophetisa tem entonações de dôr. O que se vae passar?

CASSANDRA:— Afastae-a, afastae-a! A mão febril do satyro aperta-lhe o pescoço branco e delicado. Os seus labios tornam-se lividos.

CÔRO:— Ai de mim!

CASSANDRA (ao côro):— Não vês?... o seu corpo flexivel dobra-se morto. O olhar do satyro lampeja...

CÔRO:— Falla, falla... Eu tremo de medo! Que nova desgraça vae succeder? Ai pobre, pobre!

CASSANDRA:— Nova e terrivel desgraça. Ai de mim, ai de mim! Mensageira da morte, a minha palavra não prophetiza sinão o mal! O que vejo eu ainda? Vi cair os muros de Ilion; a cabeça ensanguentada de Agammenon passou-me ante os olhos horrorizados, e vi estendido, ao lado um do outro, o par dos adulteros de Argos. Ai de mim! Plastica! Plastica! O seu bello seio perdeu a vida, e, como visão ephemera, ella desapareceu da terra. Ai de mim! Pœan, Pœan, salva a tua filha! (*Exit.*)

CÔRO:— Os meus dentes entre-chocam-se, eu estremeço, está gelada de frio suor a minha fronte. A voz de Cassandra prophetizou nova desgraça que me horroriza. Ai de mim! Plastica, foge, foge do satyro!

DEBORA:— A mão do Senhor se abate, e tudo em torno estremece de terror, e nada mais se vê sinão a imagem cruel da morte.

CÔRO DAS BIBLICAS:— Senhor! Senhor! A voz da que dizia a tua vontade, de pé, sob a copa da palmeira, a voz da prophetisa Debora, presagia successos de desgraça, e a minha fronte curva-se.

DEBORA:— O Deus de Israel é em colera e sua mão se abate sobre o peccado, e a sua colera cáe sobre os que o desconhecaram, e elle fala por minha boca: Sobre vós vae descer o peso da minha vingança.

CÔRO DAS BIBLICAS:— Jehovah! Jehovah! A voz de Debora — a prophetisa presagia successos de desgraça! Sobre a cabeça do peccador vão cair os raios da tua colera. Jehovah! Jehovah! (*Exit.*)

JACOBUS: — Essas vozes todas que ouço allucinado, vibram-me dolorosas e terriveis. Nem sei si me irrompem do seio angustiado, si me penetram, como punhaes a um tempo frios e flammejantes, no coração confrangido. Passam-me ante os olhos visões phantasticas, tremendos paineis em que figuras negras agitam-se furiosas e irritadas num fundo rubro de sangue. (*Delirando*) Alli está a garra que rasga, alli o dente que morde,

alli a rugidora boca hiante, acolá a voz funebre, além a risada sarcástica... Cabeças desgrenhadas e loucas, olhar erradio e febril, face contraída, torsos de livida magrez, fronte em que o triste desespero negreja... Quadro de horror e miseria! As mães estendem, cadavericas, ao filho moribundo a mama secca; o avô ri e chora na agonia da fome, sem luz o olhar que não vê; a catadura medonha e feia do pae é a imagem da força vencida e domada... Acolá desfila a procissão funebre. O cadaver do esposo envenenado arde na pyra... Os filhos em redor passeiam como leões enjaulados, em colera a face vermelha... Uma mulher, a esposa, atada, revolve-se desesperada e blasphéma.. Aos céus eleva-se o grito das mulheres que têm de subir á fogueira em honra do morto... Vêde... vêde... Alli, aquelle, nú, mette a mão na ferida aberta e rasga-a mais... o sangue espadana... Aquelle alli, macerado, roxo, revolve-se num leito de fêses. .. A boca daquelle está entreaberta num grito de dor e parece rir... Alli aquelle amante tem misturada á expressão da volupia a ancia e o terror... A serpente silva no ar... Um orvalho venenoso cõe gottejante... o frio intenso regela; o calor suffoca... Cerbéro mostra o dente; Io dá gritos dilacerantes; Orestes foge mordido pelo remorso; Laocoonte suffoca entre as roscas horriveis do monstro... Mão invisivel empunha um latego de fogo que estala e fulgura... Ha gritos de pavor, blasphemias, vozes de colera, alaridos, uivos, silvos, gargalhadas, palavras, sons da natureza que fala, vozes humanas que rugem... Todo este quadro é uma figura, toda esta dor dilacera um coração. E' o teu Jacobus!

PLASTICA:—A vida vae deixar de animar-me. Aquellas vozes propheticas o disseram... O oraculo fala pela boca de Cassandra... O fuso corre veloz na mão da filha da Noite.

JACOBUS:—A tua face está pallida, filha da Arte, o teu corpo treme... Ai! Mais pallida vae ficar-te a face, tremor mais forte vae agitar o teu corpo divino...

PLASTICA:—Maldito o dia em que o meu pé pisou o cimo do Hélicon e eu caí em teus braços como a ave na boca da serpe que a fitou!

JACOBUS :— O meu poderoso espirito arrancou-te do profundo nada. A vida que te brilha na fronte, a belleza tua que seduz, o teu olhar feiticeiro, o teu riso provocante, toda a tua gentil formosura, toda a tua graça divinal, eu creei e eu mesmo destruo, Galatêa que traíste Pygmalião! (*Elle mata-a. As fôrmas de Plastica desfazem-se. Uma luz brilha no cimo do Pentelico e desaparece*).

CÔRO :— Noite! Noite! Morte! Morte! A luz brilhou e sumiu-se... A fôrma ostentou-se correcta e desfez-se em luminoso vapor amorpho...

JACOBUS :— Quem a matou? Fui eu? Ai, louco, louco! (1).

CÔRO :— Ella desapareceu, a formosa filha de Apollo... Achilles formosissimo, desapareceu a que tu amaste... Voltou ao nada aquella que o heroe amou...

JACOBUS :— O que se passou não sei... Estes gritos, este choro, estes lamentos dizem-me que se consumou a tragedia.

CÔRO :— O barbaro! o satyro! Erynnis! Erynnis! A noite desce... reina a morte. Tu dormes, Mégera! (*Exit*).

JACOBUS :— O canção invade-me... Oh sonho horrivel em meio ao qual fulgurou uma imagem formosissima que para mim foi o amor, e é já a saudade! Sombras da noite, invadí-me o espirito!... Clothos, arranca-me esta horrivel dor, que é a vida!

Ultimo olhar á Hellada

O sol desce. Sombras violaceas circundam o sopé do Hellicon. A paisagem desenha-se confusamente, aqui e alli uma copa de platano coroada de raios crespulares. Bandos de cegonhas pousam na praia do Egeo. A costa da Asia negreja do outro lado do mar.

JACOBUS :— Para onde o meu cerebro transtornado guia-me os passos errantes? Será para ti, salto fatal de Leucade? para ti, profundo seio do mar? Diante de mim foge a paisagem

(1) Quem matou Laertes? Foi Hamleto? Não; foi a loucura de Hamleto (*himadenses*).

animada e viva da Attica, e como a visão que povoou esta rissonha estancia, a propria Hellada se esváe na crescente treva crepuscular do meu espirito. Já da face rugosa do Egeo sumiu-se a ultima loira cabeça... no grosso tronco do carvalho occultou-se o ultimo fauno... E tambem o grito agudo das irmãs deixou de soar, a folha do sagrado loureiro pendeu em meio á quéda de terrivel presagio. Já não palpita fremente a natureza viva... Tudo some-se, some-se, rapida, vertiginosamente, e, como a estrella cadente, descripta a luminosa curva, apaga-se no céu, a imagem da Grecia pagã, que um momento se me ostentou radiosa, extingue-se para mim! E a ramaria que se inclina, o perfil agudo das rochas, o traço argentino das fontes na planicie, o canto dos passaros na floresta, toda aquella grandissima opulencia do paiz da Plastica, mesclam-se-me na mesma sombra que invade a scena... e desapareceu tudo! Sonho agitado e febril de vida e de amor, imagem da luz e da arte, sons, perfumes, mocidade, ventura, por vós devora-me a saudade! Eu quero fixar-te, lucida Acté, indelevel e brilhante, na minha retina, que se apaga e cega e morre! Adeus! Adeus! (*Desapparece a paisagem. Cae a noite*)

EPILOGO

Na sé de Thorn. Noite.

JACOBUS (*à porta da igreja*): — E que me resta a mim já agora, a mim — floresta que o raio incendiou, reduzindo a carvão e a cinzas todas as minhas aspirações que se esgalhavam para o céu azul, poderosas e viridentes? A calhandra que cantava á sombra do arvoredor, eil-a alli em esqueleto negro; a flor silvestre, o fogo do incendio crestou-lhe a petala vermelha, torceu-lhe o verde hastil, misturou ao seu brando perfume o cheiro acre do fumo. (*Pausa*) A noite luminosa e calma está cheia de astros que fulguram e rolam no espaço, — enquanto a terra negra é como um rochedo feio e duro,

fixo no oceano sem fim dos espaços.. — Caucaso a que me amarram, Atlas que eu supporto ao dorso! Porque, porque não ir a ti estrella da manhã que despontas fulgurante? Maldito e eterno desejar, profundo anseio!.... (*Olhando para o corpo da igreja aberta*) As velas empallidecem no altar-mór; do fundo dos nichos irrompe á luz crastina o vulto dos santos... E a lampada de cobre pendente da nave oscillou... tremeu... Oscillou! (*Grande concentração*) A lampada oscillou... e como um « nuncio do céu » me ensina a marcha grandiosa dos planetas. A lampada oscillou... e eu sinto que sob meu pé a mesma terra oscilla, revoluteia, fluctúa, embala-se e lança-se perdida no infinito espaço. Onde me levas tu? onde me levas, terra? A' morte? A' vida?

ANNIBAL FALCÃO.